

Pierre Bayle e Giulio Cesare Vanini: reflexões sobre o ateísmo virtuoso

RESUMO

Em seus *Pensées diverses sur la comète*, Bayle classifica Giulio Cesare Vanini como um autêntico "mártir" do ateísmo virtuoso, devido à sua postura inflexível diante do cadafalso, em nenhum momento hesitando sobre suas convicções filosóficas. Contudo, mesmo sendo problemática a imagem de mártir erigida por Bayle a respeito de Vanini, nem por isso ambos os autores deixaram de tem certos aspectos em comum, sendo evidente o maior deles, a saber, depurar o ateísmo das opiniões infundadas de seus detratores.

Palavras-chave: Bayle; Vanini; ateísmo.

ABSTRACT

In his *Pensées diverses sur la comète*, Bayle ranked Giulio Cesare Vanini as an authentic "martyr" of virtuous atheism, because of its tough stance on the scaffold in no time hesitating about their philosophical beliefs. However, even with problematic martyr image erected by Bayle about Vanini, nor why both authors no longer have certain aspects in common, it is evident the largest, namely debug the atheism of unfounded opinions of his detractors.

Keywords: Bayle; Vanini; atheism.

* Doutor em filosofia (CAPES-PNPD/UFS), e-mail: marceloprime_sp@hotmail.com

São raríssimas as alusões de Bayle a Vanini, e as citações diretas dos próprios textos vaninianos é praticamente nula.¹ Tal fato dá ensejo a diversas complicações sobre a interpretação bayleana no que concerne ao ateísmo virtuoso de Vanini, pois Bayle fala de “Vanini, mas qual Vanini?” (FOUCAULT, 1999, p. 229, grifo meu). Ou seja, Bayle não citando em parte alguma as próprias passagens dos textos do filósofo italiano, fiou-se em fontes deveras suspeitas sem preocupar-se com sua veracidade histórica, erigindo uma imagem de Vanini mesmo faltando-lhe provas contundentes,² ignorando “os textos de um autor que ele erige, porém, como figura edificante.” (FOUCAULT, 1999, p. 240).³ Entretanto, se um autor tão erudito e acurado como Bayle simplesmente não se preocupa com a autenticidade histórica de seus argumentos para dar força à sua tese de que Vanini foi um ateu virtuoso *tout court*, longe de tal falta ser um obstáculo à imagem que ele forjou sob sua pena, “este tropeço a propósito de Vanini, contudo, não manchou a reputação de Pierre Bayle, a qual, no conjunto da obra, é verdade, pende a seu favor.” (FOUCAULT, 1999, p. 238.) Em outras palavras, as breves alusões de Bayle, além de proporcionar uma nova imagem do pensador napolitano para a posteridade, dá uma verdadeira dignidade filosófica e moral ao ateísmo.⁴

¹ Quanto às passagens das obras de Bayle sobre Vanini, ver PD, §§174, 182; RQP [OD III], XIII, p. 931b, EMT [OD IV], p. 104b, NLC [OD II], p. 330a e p. 332a e NRL [OD I], p. 66b. Em relação aos estudos entre os dois autores, ver BIANCHI, Lorenzo. “Un dibattito sull’ateismo agli inizi del XVIII secolo: la polemica de D. Durand- P.Bayle sul caso Vanini”, in: *Tradizione libertina e critica storica da Naudé a Bayle*. Milan: Franco Angeli, 1988, cap. 5; PAPULI, G. “La fortuna del Vanini”, In: *Le interpretazioni de G.C. Vanini*. Galatina (Lecce): Congedo, 1975 e FOUCAULT, Didier. “Pierre Bayle e Vanini”, in: *Pierre Bayle, citoyen du monde: De l’enfant du Carla à l’auteur du Dictionnaire*. Actes du Colloque du Carla-Bayle (13-15 septembre 1996) réunis par Hubert Bost et Philippe de Robert. Paris: Honoré Champion, 1999, p. 227-241. Quanto às limitações dos argumentos de Bayle, Didier Foucault levanta três problemas: 1) Bayle nunca leu Vanini; 2) Vanini teria sido ateu, mas não do tipo virtuoso; 3) Vanini não teria permanecido firme em seu ateísmo perante seus juízes no momento de sua sentença em Toulouse.

² Sobre a imagem que Bayle faz de Vanini de “mártir dos ateus”, ver DURAND, David. *La vie et les sentiments de Lucilio Vanini*, Rotterdam, 1717, em particular pp. 5-6. Na verdade, esta obra é uma tentativa de resposta à Bayle sobre a questão do ateísmo virtuoso, ou seja, condenar Vanini seria somente um pretexto para criticar Bayle e a sua imagem do ateu virtuoso tendo como exemplo o filósofo italiano. Ver também MORI, 1999, p. 204, FOUCAULT, 1999, p. 237 e SERAFINI, Cesare. *Giulio Cesare Vanini*. Roma: Editoriale Galilei Galilei, 1914, p. 70 e 90-94 em particular.

³ Ver FOUCAULT, Didier. *Un philosophe dans l’Europe baroque: Giulio Cesare Vanini (1585-1619)*. Paris: Honoré Champion, 2003, p. 626, nota 2.

⁴ Na verdade, imagens já foram feitas de Vanini, só que em sentido negativo, como a de Mersenne, que o rotulou de “o César dos ímpios”, François Rosset, que disse que Vanini era “mais ímpio do que a impiedade” e Garasse que o chamou de “O patriarca dos ateus”. Ver DURAND, *op.cit.*, p.48-50. Sobre as investidas de Garasse contra Vanini, ver *La doctrine cvrievse des beavx esprits de ce temps, ov pretendus tels contenant plvsievr maximes pernicieuses à la Religion, à l’Estat & aux bonnes Moeurs, combattue et renversée*, Paris: 1623, em particular I, v, p. 31-35; III, xvii, p.301-306; IV, iii, p.343-348; VII, ix, p.815-821, p. 865-869; VIII, ix, p.1003-1010. Sobre os ataques de Rosset a Vanini ver suas *Histoires memorables et tragiqves de ce temps, ou sont contenves les morts funestes et lamentables de plvsievr personnes, arrivés par leurs ambitions, moeurs desreglées, sortileges, vols, rapines, et par avtres accidens divers*. Paris: Pierre Chévalier, 1612, cap. V em particular. Segundo J.-P. Cavaillé, “É da mais alta importância, para compreender o fenômeno Vanini, sublinhar que a imagem apresentada nos documentos contemporâneos é fundamentalmente negativa. Virá o tempo o qual Bayle ousará falar de ateísmo virtuoso, depois outros, mais perto de nós, saudarão o herói do livre pensamento.” “Jules-César Vanini: la langue arrachée”, in: *Dis/simulations: Jules-César Vanini, François La Mothe Le Vayer, Gabriel Naudé, Louis Machon et Torquato Accetto. Réligion, morale et politique au XVII^e siècle*. Paris: Honoré Champion, 2008, p. 42. Ver também a respeito Id. “Une pensée de la transgression: politique, religion et morale chez Jules-César Vanini”, in:

Bayle em suas *Entretiens de Maxime et Thémiste ou réponse à l’examen de la théologie de Mr. Bayle par Mr. Jaquelot* – 1705 – na boca de Thémiste afirmou que Jaquelot fez duras críticas à Bayle sem necessidade alguma movido pela sua má fé, todavia, seu mérito teria sido provar que o que o filósofo de Carla falou de Vanini não se sustenta quando se recorre aos fatos. Bayle supostamente teria a vontade de estender-se mais sobre o assunto e corrigir o seu erro em um artigo dedicado ao filósofo italiano em seu *Dictionnaire*:

Se ele [Jaquelot] conseguiu alguma coisa, foi ter provado que Sr. Bayle falou de Vanini sem se informar do fato. Foi nos Pensamentos diversos sobre os Cometas, obra composta em 1681, quando Bayle tinha pouco lazer e poucos livros. Em seguida, ele conheceu esta falta no tocante à Vanini, e, entretanto, ele a deixou em todas as edições seguintes: ele não quis nem corrigi-las, nem aumentá-las, porque querendo mudar, na data de 1681, as cartas que a Obra é composta, ele acreditou que agiria mais sinceramente com seus leitores, se neste ano ela não fosse feita com conhecimento que ele então não tinha e que os adquiriu durante os anos: uma razão particular o obrigava a não corrigir a falta concernente à Vanini: é que ele tinha o projeto de conceder um longo artigo a esse homem em seu Dicionário. (OD IV[EMT], p. 104b.)⁵

Revue de philosophie (Vanini). Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 1998, p. 133-134 em particular. Cf. também BOITEAU, Pierre. “Au temps de l’Inquisition: J.-C. Vanini et la notion d’évolution au début du XVII^e siècle.” In: *La Pensée*. Paris: Fondation Gabriel Péri, 1996, n°27, p. 100 em particular. Ver também SALEM Jean, “Sens et fortune d’une page de Vanini”, in: MESLIER, Jean. *Oeuvres complètes* (II). Paris: Éditions Anthropos, 1970, p. 577-581, nota XVIII.

⁵ “Si quelque chose lui a réussi, c’est d’avoir prouvé que Mr. Bayle parlade Vanini sans s’être informe du fait. Ce fut dans les Pensées diverses sur les Comètes, Ouvrage composé l’na 1681, lorsque Mr. Bayle avoit très-peu de loisir, & très-peu de livres. Il a connu dans la suite cette faute touchant Vanini, & néanmoins il l’a laissée dans toutes les éditions suivantes: il n’a voulu ni les corriger, ni les augmenter, parce que ne voulant point de faire de changement à date de 1681, des lettres dont l’Ouvrage est composé, il a cru qu’il agiroit plus sincèrement avec ses lecteurs, se sous cette année-là il ne se produisoit point avec des connoissances qu’il n’avoit point alors, & qu’il n’a acquises que par le cours des années: une raison particulière l’obligeoit à ne pas corriger la faute concernant Vanini: c’est qu’il avoit dessein de donner un long article de cet homme-là dans son Dictionnaire.” David Durand cita a possibilidade de aparição deste artigo dedicado a Vanini: “Sr. Bayle, que era tão curioso, e que permanecera em Toulouse mais de 18 meses, não nos ensina, entretanto, nada, das circunstâncias da Vida de VANINI, parece mesmo que ele não as soube, ou que duvidou das que tinha encontrado em seus Livros. Talvez nos ensinando alguma coisa no suplemento de seu Dicionário no qual ele trabalha, porque me asseguraram que aí tinha um artigo de nosso VANINI.” (p.60-61.) Note-se que, em relação aos livros que Durand mencionou que Bayle tinha em mãos e o seu ceticismo em relação às fontes das quais dispunha, contradiz com o próprio relato de Bayle que diz que ele não tinha absolutamente nada de ou sobre Vanini. Quanto às fontes usadas por Bayle, Durand supõe que ele tenha lido passagens de Garasse e Gramond, e ele mesmo cita a passagem que citamos das EMT. Contudo, a despeito das razões particulares que Bayle teve para não corrigir ou alterar certas passagens sobre Vanini, Durand entende que era um dever de Bayle corrigir tudo o que era relacionado ao episódio da sentença do filósofo italiano, como a respeito da sua imagem de ateu virtuoso. Ver *Id. Ibid.*, p. 218-219. Voltaire, por sua vez, entende que Bayle fez de Vanini um mártir dos ateus só para dar força à sua tese da sociedade de ateus: “O próprio Bayle, em seus *Pensamentos diversos*, fala de Vanini como um ateu: ele se serve deste exemplo para apoiar seu paradoxo que *uma sociedade de ateus pode subsistir*; ele assegura que Vanini era um homem de costumes muito regrados, e que foi o mártir de sua opinião filosófica. Ele se engana igualmente sobre esses dois pontos. O padre Vanini nos ensina em seus *Diálogos* feitos à imitação de Erasmo que tivera uma senhora chamada Isabelle. Ele era livre em seus escritos como em sua conduta; mas não era ateu.” *Dictionnaire philosophique*. Paris: Garnier Flammarion, 1964, p. 53-54. (grifos de Voltaire.)

Ora, é sabido que este artigo supramencionado nunca veio à tona, limitando-se à vontade de Bayle redigi-lo com maiores detalhes acerca da doutrina, costumes e condenação de Vanini. *Nos Pensées diverses*, o filósofo napolitano é tratado como o “mártir do ateísmo”, o protótipo do ateu virtuoso, resistindo bravamente à sua sentença e levando seu ateísmo até o fim, incondicionalmente⁶:

Quando considero que o ateísmo teve mártires, eu não duvido mais que os ateus não tenham uma ideia de honestidade que tem mais força sobre seu espírito do que o útil e o agradável. Pois, de onde vem que Vanini indiscretamente divetiui-se em dogmatizar diante das pessoas que podiam levá-lo à justiça? Se ele buscasse somente a sua utilidade particular, devia contentar-se de desfrutar tranquilamente de uma perfeita segurança de consciência sem se preocupar em ter discípulos. É preciso então que ele tivesse vontade de tê-los, e isto ou a fim de se tornar chefe de partido ou a fim de livrar os homens de um jugo que, a seu ver, os impedia de se divertirem à vontade. (2007, p. 383; *OD III[PD]*, p. 117a.)⁷

Conforme a passagem citada, o que teria levado Vanini a proferir abertamente as suas convicções ateias foi a ideia de honestidade que predominava em seu espírito, acima de qualquer anseio particular, não temendo ser levado às autoridades por impiedade. Se ele quisesse somente tivesse agido em prol de sua vontade ou utilidade individual, poderia perfeitamente guardar para si seu ateísmo, não tendo vontade alguma de disseminá-lo e obter pupilos para a sua doutrina. Mas das duas uma, segundo Bayle: ele agira temerariamente ou para tornar-se chefe de partido, mártir⁸ e obter discípulos para manter vivo o seu pensamento⁹,

⁶ Didier Foucault ironiza o ateísmo nobre que Bayle atribuiu a Vanini, dizendo que nos escritos de Vanini tem “mais de *Neveu de Rameau* do que severas dissertações de Gassendi.” (1999, p. 236.), entendendo que Bayle possuía somente uma “informação oral sobre Vanini”, não vendo “de onde poderia provir a documentação escrita que teria incitado o autor dos *Pensées diverses* a se servir de argumentos tão discutíveis em um lugar tão crucial de sua teoria sobre o ateísmo.” (*Id. Ibid.*, p. 237). Para Cavaillé, “essas interpretações, começando então pela de Bayle, que crê poder livrar desta morte, como do todo da biografia, a figura do ateu virtuoso, possuem sem nenhuma dúvida, enquanto interpretações, sua própria verdade, se se quer então considerar elas mesmas em seus contextos, mas elas são historicamente falsas (e induzem uma leitura enviesada das obras), pela simples razão que não tinha nenhum lugar para tais representações na paisagem sócio-cultural ao qual Vanini pertencia. Suas próprias obras, aliás, estão aí para atestá-lo.” (2008, p. 46). Victor Cousin também diz: “Para apreciar imparcialmente Vanini, é preciso colocá-lo entre seus contemporâneos, em seu país e em seu século.” “Vanini, ses écrits, as vie et sa mort”, in: *Revue des deux mondes*. Paris, 1843, p. 673. Ver também PINTARD, René. *Le libertinage érudit dans la première moitié du XVII^e siècle*. Genève: Éditions Sklaktine, 2000, p. 61 e seg.

⁷ “Quand je considere que l’athéisme a eu des martyrs, je ne doute pas que les athées ne se fassent une idée d’honnêteté qui a plus de force sur leur esprit que l’utile et l’agréable. Car d’où vient que Vanini s’est indiscrètement amusé à dogmatiser devant les personnes qui le pouvaient déférer à la justice? S’il ne cherchait que son utilité particulière, il devait se contenter de jouir tranquillement d’une parfaite sécurité de conscience sans se soucier d’avoir des disciples. Il faut donc qu’il ait eu envie d’en avoir, et cela ou afin de se rendre chef de parti, ou afin de délivrer les hommes d’un joug qui, à son avis, les empêchait de se divertir tout à leur aise.”

⁸ Na verdade, segundo Cavaillé, Vanini ironizou com a figura do mártir em sua época, isto é, tal ironia impede de classificá-lo como um mártir dos ateus: “Acontece exatamente o inverso, com Vanini, desses personagens do teatro barroco que se tornam autênticos mártires representando sobre a cena, por escárnio, a máscara do mártir: o mártir ateísta, que quer ser o que parece, enrijece-se contra o opróbrio e os tormentos redobrando as blasfêmias contra a divindade, só é uma caricatura distorcida do mártir cristão.” (2008, *Op. cit.*, p. 52).

⁹ O caráter iniciático ou pedagógico do ateísmo vaniniano, Cavaillé descarta: “E [Bayle] supondo que ele [Vanini] tenha quisto dar algum valor didático à sua atitude, o que não cremos, é preciso simplesmente se

ou o fizera para livrar os homens dos grilhões do dogmatismo que os impedia de levar uma vida mais humana. Insistindo mais sobre o suposto martírio de Vanini, Bayle afirma que se o mesmo teve a intenção de ser o porta-voz do ateísmo, ele o fez não devido aos prazeres corporais tampouco por motivos financeiros, mas pela esperança de obter a glória por seu ato:

Se ele quis se tornar chefe de partido, é um sinal de que ele não observava os prazeres do corpo nem as riquezas como seu único fim, mas que trabalhava pela glória¹⁰. Se ele quis livrar os homens do medo dos Infernos os quais ele acreditava que eram importunados erradamente, é um signo de que ele se acreditou obrigado a render serviço a seu próximo e que julgou honesto trabalhar por nossos semelhantes não somente em nosso prejuízo, mas também em perigo de nossa vida.¹¹ (PD, 2007, p. 383; OD III[PD], p.117ab.)¹²

Se a crítica à Bayle é que ele não foi fiel nem ao texto nem à biografia de Vanini, se olharmos melhor a passagem, ele sempre põe uma partícula condicional, isto é, “se” Vanini quis agir de tal ou tal forma, e não por afirmações categóricas. Não sendo possível – e isso devidamente mostrado pelos estudiosos de Vanini, contudo, não sendo especialistas em Bayle e, por vezes, negligentes em aproximar os dois autores em termos de crítica à religião e à sua instrumentalização política, à superstição, aos milagres, à opinião vigente, etc. – enquadrar o filósofo italiano na categoria de “mártir” do ateísmo, é possível entrever os pontos comuns em ambos os autores: 1) a subversão textual, à medida que seus textos contêm teses escandalosas para sua época, valendo-se de simulações e, conseqüentemente, de dissimulações, para apresentarem seus argumentos; 2) Vanini

lembrar que Pompeio Usciglio recitava sua tragédia na praça de Salin em 1619 diante de Gramond, Catel e Saint-Pierre, e não em outros tempos e lugares e para outro público.” (Id. *Ibid.*, p. 47.)

¹⁰ Entretanto, o próprio Vanini dispensava tal glória. Chegando ao final do último diálogo, o personagem Giulio Cesare – isto é, o próprio Vanini – responde ao seu interlocutor Alessandro a respeito de se obter a glória depois da morte. (Sigo aqui a tradução italiana de sua obra *I meravigliosi segreti della natura, regina e dea dei mortali*, redigida em 1616.): “G.C. – Se a minha alma morre junto com o corpo, como supõem os ateus, qual doçura poderá conseguir da fama depois da morte?” VANINI, Giulio Cesare. *Tutte le Opere*. Traduzione de Francesco Paolo Raimondi e Luigi Crudo. Milano: Bompiani, 2010, p. 1551. (“Il Pensiero Occidentale”).

¹¹ Cavallé argumenta que não se encontra em nenhuma passagem dos escritos de Vanini esse solidarismo político mencionado por Bayle, apesar de o comentador conceder que se falar a verdade é indissociável da subversão assim como a vocação filosófica o é, logo, a verdade é necessariamente subversiva: “A obra de subversão é, entretanto, inseparável da vocação filosófica. Em um mundo regido por ‘leis’ do erro, a verdade é necessariamente subversiva. Certamente, é em nome dessa coerência filosófica (nisto, sem nenhuma dúvida, é como filósofo que se pode sê-lo) que Vanini se recusa a se por no lugar dos governantes ou a seu serviço, pela produção de um discurso de justificação política e moral das razões de Estado. Mas, muito manifestamente, para ele, os outros homens, escravos das crenças (e dos príncipes por suas crenças), não merecem e não valem mais. Não se encontra em suas linhas nenhuma compaixão pela humanidade sofredora, nenhuma ‘solidariedade’ com o povo ‘oprimido’.” (1998, *op.cit.*, p. 130)

¹² “S’il a voulu se rendre chef de parti, c’est une marque qu’il ne regardait pas les plaisirs du corps ni les richesses comme sa dernière fin, mais qu’il travaillait pour la gloire. S’il a voulu délivrer les hommes de la crainte des Enfers dont il croyait qu’ils étaient impotunés mal à propôs, c’est un signe qu’il s’est obligé à rendre service à son prochain et qu’il a jugé qu’il est honnête de travailler pour nos semblables non seulement à notre préjudice, mais aussi au péril de notre vie.”

com seu ateísmo oriundo de seu racionalismo naturalista¹³ e Bayle com a sua tese da perfeita associação entre ateísmo e virtude; 3) a crítica do erro, isto é, se a intenção de Vanini foi de livrar os homens do erro por meio da filosofia, foi devido a estar situado em um contexto ortodoxo, que não hesitava em censurar obras que tivessem o menor resquício de ateísmo ou heterodoxia; 4) se o final de Bayle não foi trágico como o de Vanini, seus *Pensées diverses* não foram de bom grado aceitos pela comunidade acadêmica tampouco por seus compatriotas de refúgio. Lembremos que Jurieu estava no seu encaicho, fazendo-o comparecer ao consistório de Rotterdam e permanecer em uma longa contenda sobre suas afirmações favoráveis ao ateísmo. O equívoco cometido por Bayle foi claro, isto é, não fundar suas argumentações sobre os próprios textos de Vanini, e isso seus críticos souberam com erudição e afinco constatar. Entretanto, aproximar ambos no que concerne a uma imagem positiva do ateísmo, e mais ainda, ver o esforço intelectual de Bayle em praticamente resgatar Vanini do ostracismo e erigi-lo como um exemplo de que o ateísmo é uma posição filosófica tão consistente como qualquer outra.

Na continuação do mesmo parágrafo, Bayle afirma que se um ateu tivesse como móbil de suas ações somente a sua utilidade particular, teria melhor reputação entre bons devotos do que entre depravados, já que aqueles têm tão pouca disposição para ludibriar os outros e apropriar-se de seus bens, ao passo que os licenciosos não hesitam na primeira oportunidade que têm de fraudar e proferir seus absurdos de qualquer maneira. (PD, 2007; OD III[PD], s) Sendo assim, seria de mais interesse para o ateu que quisesse prosperar que somente tivesse boas almas sobre a terra, “e Vanini aí não entendia nada, se quisesse pescar em água agitada, de querer estabelecer o ateísmo.” (PD, 2007, p. 383; OD III[PD])¹⁴ Bayle vai mais longe: indaga porque Vanini não enganou seus juizes, achando melhor morrer subcumbindo às mais duras provações do que retratar-se de sua acusação. Pergunta por que ele simplesmente não dissimulou, fingindo arrepender-se de seu ateísmo. Segundo Bayle, Vanini se portou como tal devido a ideia de honestidade que o fez entender que seria indigno de um homem disfarçar seus sentimentos perante a morte. (PD, 2007, OD III[PD]) Daí o filósofo de Carla infere:

Não se saberia negar que a razão sem o conhecimento expresso de Deus possa virar os homens para o lado do honesto, tanto bem ou mal conhecido. E, em todo caso, o exemplo de Vanini é uma prova incontestável do que eu disse tantas vezes, a saber, que os homens não agem conformemente à sua crença. (PD, 2007, OD III[PD])¹⁵

¹³ Ver RAIMONDI, F. P., “Note all’Amphitheatrum”, in: VANINI, *Tutte le Opere*, p. 1563, nota 25.

¹⁴ [...] et Vanini n’y entendait rien, s’il voulait pêcher en eau trouble, de vouloir établir l’athéisme.” E Bayle continua: “Ele precisaria trabalhar para tornar o mundo devoto. Aliás, ele sabia que há pena de morte contra aqueles que ensinam o ateísmo: se bem que trabalhando para espalhar suas impiedades, ele arriscava-se e as ocasiões de aproveitar da boa consciência dos outros homens, e, ao mesmo tempo, sua própria vida. É preciso então que uma falsa ideia de generosidade lhe tenha feito acreditar que ele devia sacrificar seus interesses aos do próximo.” [“Il fallait plutôt travailler à rendre le monde dévot. Il savait d’ailleurs qu’il y a peinde de mort contre ceux qui enseignent l’athéisme: si bien qu’en travaillant à répandre ses impiétés, il risquait et les occasions de profiter de la bonne conscience des autres hommes, et sa propre vie en même temps. Il faut donc qu’une fausse idée de générosité lui ait fait accroire qu’il devait sacrifier ses intérêts à ceux du prochain.”] (*Id. Ibid.*, p.383-384; *Id. Ibid.*)

¹⁵ “On ne saurait donc nier que la raison sans une connaissance expresse de Dieu ne puisse tourner les

Se Vanini escandalizou por seu ateísmo professo, Bayle não escandalizou menos: à razão é dispensável a noção de um deus para poder agir honestamente. Ela pode perfeitamente fazer com que os homens possam discernir entre o que é honesto e desonesto, partindo do fato de que nem sempre uma ação é conforme a uma determinada crença. Para a exasperação dos críticos de Bayle, ele diz que o exemplo de Vanini é uma “prova incontestável” da associação entre ateísmo e virtude, pois o filósofo de Carla sequer apoia-se nos próprios textos do pensador italiano para confirmá-lo, pois se em relação a outros pensadores “Bayle tinha a autoridade de seu artesanato erudito em que se apoiar” (GRAFTON, 1998, p. 166), não foi no caso de Vanini. Todavia, se são, *a contrario*, bastante contestáveis¹⁶ os argumentos de Bayle sobre a postura de Vanini em seus últimos momentos antes da morte, longe de querer resolver alguma contenda a respeito do filósofo italiano, mais importante é apreender a ideia bayleana: se a crença não é, na maioria das vezes, o fator determinante das ações, não é por ser ateu que alguém vai ser desregrado ou incorrer em um crime atroz. Segundo Bayle, ao invés de Vanini desculpar-se por seu ateísmo perante as autoridades religiosas, ele simplesmente resistiu a todos os tormentos que lhe foram infligidos, o que mostra que “com uma obstinação dessa natureza ele era capaz de morrer pelo ateísmo ainda que tivesse sido muito persuadido da existência de Deus.” (PD, 2007, p. 385; OD III[PD], p. 117b.)¹⁷ Bayle citando o exemplo de Mahomet Effendi – que ele cita de uma fonte de segunda mão, de Mr. Ricaut, *Estado atual do Império otomano* – e equiparando-o ao exemplo de Vanini, ironiza: ambos os autores poderiam salvar as suas vidas, abjurando de suas impiedades confessando seus erros, mas entenderam que era melhor prosseguirem firmes em suas concepções justamente por coerência, pois sendo ateus, não esperavam nenhuma recompensa futura, sendo que o amor à verdade os obrigou a sofrerem todas as penas impostas. (PD, 2007, p. 385; OD III[PD], p. 117b) Daí a conclusão de Bayle:

Um homem que fala assim necessariamente tem uma ideia da honestidade; e se ele leva sua obstinação até morrer pelo ateísmo, é preciso que ele tenha uma tão furiosa vontade de ser o mártir do ateísmo que seria capaz de se expor aos mesmos tormentos mesmo se não fosse ateu. (PD, 2007., OD III [PD]).¹⁸

hommes du côté de l’honnête, tantôt bien connu, tantôt mal. Et en tout cās, l’exemple de Vanini est une preuve incontestable de ce que j’ai dit tant de fois, savoir que les hommes n’agissent pas conformément à leur créance.”

¹⁶ Ou seja, a leitura “daqueles que veem na firmeza diante da morte uma vontade manifesta de se erigir um modelo ao mesmo tempo moral e filosófico, a realização de uma vida inteira dedicada ao enfraquecimento do homem, e, ao mesmo tempo, a verdadeira chave de suas obras.” (CAVAILLÉ, 2008, p. 46) Ver também p. 85.

¹⁷ “Ce qui fait voir qu’avec une opiniâtreté de cette nature, il était capable de mourir pour l’athéisme quoiqu’il eût été persuade de l’existence de Dieu.”

¹⁸ “Un homme qui parle ainsi a nécessairement une idée de l’honnêteté; et s’il pousse son obstination jusqu’à mourir pour l’athéisme, il faut qu’il ait une si furieuse envie d’en être le martyr qu’il serait capable de s’exposer aux mêmes tourments quand même il ne serait pas athée.” Nas palavras de Paul Hazard, parafrazeando Bayle: “Enfim, se é preciso, para que uma doutrina mereça respeito, que ela tenha seus mártires, à doutrina da descrença não faltam: Vanini, que foi capaz de morrer pelo ateísmo; e mais recentemente, um certo Mahomet Effendi, que foi executado em Constantinopla por ter dogmatizado contra a existência de Deus.” *La crise de la conscience européenne*. Paris: Fayard, 1961. p. 270-271.

O amor à verdade estando *pari passu* com o ateísmo, inclusive levando os seus defensores a exporem-se até à morte, pode-se entender que Bayle, a despeito de suas imprecisões sobre Vanini e sobre seu suposto martírio, deixa claro: as ideias de honestidade, de virtude, de retidão podem e são os elementos norteadores da conduta moral seja do devoto, seja do ateu. Se o filósofo italiano não tinha uma moral austera à esteira dos estoicos, por exemplo, não foi assim que seus opositores o viram, pelo contrário, pois “para os contemporâneos de Vanini não há ateu virtuoso, ou ao menos, esta figura só começa a germinar muito lentamente, com a ideia de uma moral natural liberada das religiões instituídas.” (CAVAILLÉ, 2008, p. 134.)¹⁹ Todavia, há uma passagem no *Éclaircissement sur les athées*, onde Bayle afirma que confundiram o foco da questão, pois ele não se interessou pelos ateus de prática, isto é, aqueles que não têm medo de um deus, mas sua reflexão foi sobre os ateus de teoria ou de sistema como Diágoras, Spinoza e Vanini, e seus costumes:

Sobre esses profanos mergulhados na glotonaria, que no julgamento do Padre Garasse e de vários outros escritores são francos ateus, eu não os tive em conta; porque não se tratava dos que se chamam ateus de prática, pessoas que vivem sem medo algum de Deus, mas não sem nenhuma persuasão de sua existência. Somente se tratava dos ateus de teoria, como Diágoras, por exemplo, Vanini, Spinoza, etc. pessoas as quais o ateísmo é atestado ou pelos historiadores, ou por seus escritos. A questão é unicamente sobre os costumes desta classe de ateus, é a respeito desses que eu desejei que me indicassem exemplos de má vida. (2010, p. 19; 1740, p. 629.)²⁰

Esclarecendo o foco de sua reflexão, Bayle afirma que sobre os costumes dos autores citados, são mencionados ou por historiadores ou pelos livros dos próprios autores. Quanto à Vanini especificamente, ele não fala aqui se soube de sua vida e costumes ou por fontes de segunda mão, isto é, de autores que falaram sobre ele, ou se soube das coisas que afirmara sobre Vanini baseando-se nos próprios escritos do pensador italiano. Nesse sentido, será mesmo que Bayle não teria tido o mínimo contato com as obras de Vanini? E, por outro lado, no caso de Bayle ter conhecido tudo o que soube sobre Vanini por meio de fontes como os escritos do ortodoxo Garasse, por exemplo, ele teria se deixado levar pelas investidas desse autor o qual foi ele mesmo ironizado por seus pares? Tudo leva a pensar que não, pois a imagem de Vanini erigida por Bayle ficou incó-

¹⁹ Cavaille continua sua argumentação dizendo que “antes de tudo, há o fato que, longe de buscar impor novas normas à vida moral, Vanini, ao contrário, vira as costas a toda normatividade e regulamentação dos costumes, adotando um discurso deliberadamente transgressivo. Nele, mais do que em todos os outros libertinos eruditos, a libertinagem moral é atrelada à impiedade e é parte integrante do ateísmo.” (*Id. Ibid.*)

²⁰ “Pour ce qui est de ces profanes plongez dans la goinfreterie qui au jugement du Pere Garasse & de plusieurs autres écrivains sont de francs athées, jê n’ai point dû les mettre en ligne de compte; car il ne s’agissoit point de ceux qu’on appelle athées de pratique, gens qui vivent sans nulle crainte de Dieu, mais non pas sans aucune persuasion de son existence. Il ne s’agissoit que des athées de théorie, como Diagoras, par exemple, Vanini, Spinoza, &c., gens dont l’athéisme est attesté ou par les historiens, ou par leurs écrits. La question roule uniquement sur les moeurs de cette classe d’athées, c’est à l’égard de ceux-là que j’ai souhaité que l’on m’indiquât des exemples de mauvaise vie.”

lume. (FOUCAULT, 1999, p. 235.) Bayle põe Vanini no patamar de ateu virtuoso, e se ele não sabia que o pensador italiano jamais fôra um virtuoso à *la lettre*, em contrapartida, não conseguiu obter informação alguma sobre algum desregramento de seus costumes, ou seja, nas entrelinhas, Bayle aponta para o equívoco em confundir o caráter de *libre penseur* ou *esprit fort* de um filósofo com licenciosidade sem limites ou libertinagem de baixo calão.²¹ No parágrafo §174 dos *Pensées diverses* – intitulado justamente “Exemplos que mostram que os ateus não se distinguem pela impureza de seus costumes” – Bayle evoca mais uma vez Vanini, ironicamente chamando de “o detestável” para justamente realçar os seus bons costumes:

O detestável Vanini, que foi queimado em Toulouse por seu ateísmo no ano de 1619, tinha sido sempre bastante regrado em seus costumes, e ainda que tivessem empreendido fazer algum processo contra ele sobre qualquer outra coisa senão seus dogmas, teria corrido grande risco de ser convencido de calúnia. (2007, p. 365; OD III[PD], p. 110b.)²²

O episódio de Vanini mostra, em primeiro lugar, que falar de ateísmo em pleno século XVII, mesmo com dissimulações textuais utilizadas pelos autores, era sinônimo de processo judicial, e, dependendo do caso – o caso de Vanini - seguido de pena de morte.²³ O segundo ponto é a ironia de Bayle: se Vanini pautava sua conduta sobre seus bons costumes, qual seria a razão de ser em processá-lo? Qualquer um que o fizesse, seria no mínimo acusado de difamador, já que não se pode julgar moralmente alguém somente por suas concepções filosóficas.²⁴

Tendo feito o percurso pelas passagens de Bayle sobre Vanini mais pontuais em relação ao ateísmo, ou melhor, dizendo, no tocante à imagem elaborada por Bayle do filósofo italiano como um ateu virtuoso, trataremos de fazer o que o próprio filósofo de Carla não fez: fazer uma incursão nos textos de Vanini, com o intuito de estabelecer uma proximidade teórica em ambos os autores em alguns aspectos, como a elevação do ateísmo, a crítica aos milagres, à noção de providência, a constatação e a seguida crítica da religião como instrumento político e a superstição, lugares comuns debatidos no século XVII. Nesse sentido, convergem

²¹ É o que admite Cavaillé, quando diz que “portanto, não se pode, ao mesmo tempo, fazer uma apologia do cinismo e do imoralismo. Ao contrário, é preciso então reconhecer o engajamento moral que supõe esta raiva e esta agressividade em declarar a verdade, por todos os meios, e até ao perigo de sua vida. Deste ponto de vista, a figura negativa hiperbólica do ateu dissimula e designa a do filósofo que segue a pura lei de natureza.” (2008, p. 137).

²² “Le détestable Vanini, qui fut brûlé à Toulouse pour son atheism l’an 1619, avait toujours été assez réglé dans ses moeurs, et quiconque eût entrepris de lui faire un procès criminel sur tout autre chose que sur ses dogmes aurait couru grand risque d’être convaincu de calomnie.”

²³ Ver CAVAILLÉ, 2008, p. 48.

²⁴ É o que Bayle afirma com todas as letras na CPD: “Eu começo por lembrar-vos do estado da questão. Trata-se de saber se o Paganismo foi mais apropriado do que o Ateísmo para manter as Sociedades: logo, é constando que elas mantêm-se ou que elas arruinam-se pelas ações exteriores e não por simples afirmações mentais. [...] Os Legisladores humanos não estabelecem penas contra os pensamentos.” [“Je commence par vous faire souvenir de l’état de la question. Il s’agit de savoir si le Paganisme a été plus propre que l’Athéisme à maintenir les Sociétez: or il est Constant qu’elles se maintiennent, ou qu’elles se ruinent par les actions extérieures, & non par de simples affirmations mentales. [...] Les Législateurs humains n’établissent point de peines contre les pensées.” (OD III, p. 405b-406a).

para o maior ponto em comum, isto é, justamente o escândalo causado pelos dois autores: cada um à sua maneira, com concepções de ateísmo distintas²⁵, mas sempre tendo em vista a sua desmistificação. Em outros termos, em um contexto no qual o discurso apologético sempre dava o tom da argumentação e qualquer opinião que lhe fosse contrária o destino era o cadafalso, a radicalidade desses dois autores se dá nas entrelinhas de seus textos, isto é, simulando personagens religiosos em seus diálogos que, aparentemente dando ganho de causa à ortodoxia vigente, eles dissimulam suas opiniões mais virulentas contra a impostura religiosa.²⁶ O estilo típico dos *esprits forts* dos libertinos eruditos coincide em Vanini e Bayle, mas não somente o estilo: a verve crítica dos dois autores permite ao leitor mais atento entrever o que há de polêmico nos textos, o que há de afrontador e o que choca seus opositores e, principalmente, o que há de inovador. Se ambos radicalizam em seus escritos e convergem para um mesmo denominador comum, a saber, a retirada do ateísmo dos estigmas mais infundados, é possível estabelecer uma chave de leitura no que concerne aos pontos coincidentes no pensamento desses dois autores.

No aviso ao leitor, Vanini em seu *Amphitheatrum aeternae Providentiae* (*Anfiteatro da eterna providência*)²⁷, menciona as razões que o levaram a escrever a obra: ele a redigiu contra o ateísmo difuso em sua época, sendo que tal fenômeno se instaurou mesmo dentre aqueles que se consideram religiosos:

Acredito que seja necessário expor ao cândido leitor qual razão e qual causa induziram o meu ânimo a escrever isto. Embora neste período deplorável, várias heresias se difundindo em toda parte, devastando e destruindo o mundo inteiro, apesar de pouco a pouco são menos e perecem, a seita do ateísmo, ao invés, sempre mais a cada dia se fortalece, gradualmente difundindo-se. Esta é próspera não só em algum canto da terra, não só tem o domínio [sopravvento] na via estreita do Japão, da China, da Índia, entre os Tártaros, mas naquelas que a treva é verificada à luz do mundo europeu e enraíza-se não somente nos que querem se chamar cristãos-católicos, mas que, de fato e na prática não desdenham definir-se como políticos de cunho maquiavélico e – miseráveis! – caem no erro de não reconhecerem absolutamente no governo do mundo a Providência divina, mas somente a humana. Desta, a seu ver, originou-se a crença em torno das coisas celestes e infernais, para constrangir a população, sempre pronta para as sedições, sob o peso do dever e da servidão. (*Amphitheatrum* [doravante AT], “Júlio César ao cândido leitor”, 2010, p. 331).

²⁵ Ver a respeito, CARPARELLI, Mario. “Dalla definizione alla demolizione del concetto di Dio”, in: VANINI, op. cit., p. 1836 em particular.

²⁶ Ver a ficção do autor católico empreendida por Bayle nos *Pensées diverses* e os personagens de Vanini em seu *De Admirandis*.

²⁷ O título completo é *Amphitheatrum aeternae providentiae divino-magicum, christiano-physicum Nec non astrólogo-catholicum adversus veteres Philosophos, Atheos, Epicureos, Peripateticos & Stoicos*. (*Anfiteatro da eterna providência divino-mágico, cristão-físico e astrológico-católico contra os antigos filósofos, ateus, epicuristas, peripatéticos e estoicos*.) A obra foi impressa em Lyon em 1615 e em todas as citações utilizarei a tradução italiana de Francesco Paolo Raimondi, *Giulio Cesare Vanini: Tutte le Opere*. Milano: Bompiani, 2010. Há uma tradução francesa das obras de Vanini por M.X. Rousselot, intitulada *Oeuvres philosophiques de Vanini*. Paris: Charles Gosselin, 1842. Todavia, possui inúmeras lacunas as quais, segundo Foucault, “frequentemente guiadas pela conveniência que tinha o tradutor, mutilam o texto e edulcoram o propósito do autor.” (2003, p. 500).

Se levarmos em conta as técnicas argumentativas e textuais que Vanini sempre empreende, como a ironia e a dissimulação, por exemplo, ou a sua “pseudo apologética” de “entonação ateística” (RAIMONDI, 2010, p. 1561 n. 18), olhando mais acuradamente a passagem, o que o filósofo italiano faz, ao invés de condenar o ateísmo e a sua difusão por todos os cantos do planeta, é denunciar uma impostura religiosa apoiada pela política, baseada no medo e no domínio da população.²⁸ Segundo o filósofo italiano há uma contradição evidente: religiosamente os cristãos – católicos – não podem aceitar o ateísmo, pois a eles é inaceitável a negação de uma divindade e a negação de uma providência divina. Entretanto, no plano político, sua postura é totalmente distinta: a práxis política dos cristãos, está bem longe de tomar como parâmetro a crença em uma providência celeste governadora do mundo, tomando à risca unicamente a humana, baseada na inoculação e propagação do medo dos castigos divinos na mentalidade coletiva, escravizando-a e fazendo-a entender que é o seu dever. Segundo Foucault, nas entrelinhas dos argumentos de Vanini abrem-se o caminho das “provações corrosivas de seu ateísmo crítico, dando um estatuto histórico ao fenômeno religioso e esboçando uma ética que sem pretensão à universalidade, dá um sentido ao engajamento arriscado do filósofo.” (2003, p. 613). Em uma outra passagem, Vanini mais uma vez se dirige ao leitor, dizendo uma metáfora em relação ao ateísmo:

O ateísmo, depois, quase semeado no colo mais suave da terra, faz despontar todo dia o seu manto de erva verdejante e, suportado sempre mais pelos costumes extremamente bastardos e depravados dos homens moralmente corrompidos, como se fosse revigorado da febre das ervas daninhas e – ó grande infortúnio – bem poucos, para não dizer nenhum, são os que creem necessário suprimir com a foice a planta má que, crescida em uma selva de podas perigosíssimas, vai agora se difundindo por quase todo o mundo. (AT, 2010, p. 333).

Passagem complexa, mas totalmente relacionada à anterior, pois se o ateísmo está sendo difundido por todas as partes, crescendo como ervas daninhas que não sendo extirpadas na raiz tendem a crescer desmedidamente, tal fenômeno é oriundo da contradição entre a crença religiosa, pregadora da paz, da humildade e subserviente às decisões divinas, e a sua violenta prática política, que é baseada em conquistas territoriais, conversões forçadas, extermínio dos que se opõem ao discurso apologético, espalhando o medo na mente e nos corações dos homens, pregando milagres e prodígios. Vanini, dissimulando, na verdade, mostra

²⁸ Cavaillé diz: “Com efeito, ele [Vanini] afeta elevar o cristianismo triunfante (apreendido do lado católico, mobilizado quer queira ou não) contra o que lhe é exterior e o contesta, seja o ‘ateísmo’, sob as formas múltiplas que podia receber a noção no século XVII (certamente, não significa somente a pura e simples negação de Deus, mas toda uma gama de doutrinas e de atitudes práticas), e tal que podia se nutrir dos sistemas filosóficos da antiguidade pagã; mas esses elementos doutrinários são então utilizados de tal modo que eles não cessam, ponto a ponto, de fragilizar, corroer, destruir e finalmente reverter as posições limitadas das ortodoxias teológicas, que aparece então não mais em uma postura conquistadora, mas desesperadamente defensiva, como uma cidadela sitiada por uma multidão de inimigos invisíveis que minam lentamente e metodicamente os fundamentos.” (2008, p. 72) Ver também todo o tópico do capítulo e p. 91-92.

que se o ateísmo é um fenômeno de fato, ele teve sua origem e corrupção justamente nas assimétricas posturas dos que condenaram o ateísmo. Ou, em outras palavras, os ditos religiosos, no âmbito prático, foram mais ateus do que os próprios ateus *strictu sensu*.

No oitavo “Exercício” do *Anphitheatrum*, Vanini fala das questões dos milagres e da idolatria. Apoiando-se em Maquiavel²⁹, ele afirma que os milagres foram inventados unicamente para escravizar os súditos, e seus propagadores, por sua vez, com o intuito de obter ganhos e honrarias:

A prova inferida dos milagres demonstra de modo tão linear la providência divina que facilmente podemos dispensar de seguir um longo processo indutivo. Porém, devíamos examinar a resposta dos ateus contra tal prova. E, visto que nenhum até hoje se empenhou nesta tarefa, gostamos de escolher argumentos novos, como poderá avaliar retamente o leitor sensato.

Nicolau Maquiavel resolve esta questão com pouco esforço. Ele crê que os milagres são imaginados e inventados pelos príncipes para instrumentalizar os súditos e os sacerdotes sempre à caça de ganhos e de honras.

Mas se trata de uma mentira suja, como tornou manifesto com base em suas mesmas afirmações, ou de pouco valor. No panfleto sobre *O Príncipe* afirma que a religião cristã se opõe aos sistemas políticos enquanto endiaboliza o ânimo dos homens com o medo do inferno, enfraquece a força com o jejum, torna em uma palavra os homens vis no momento mesmo em que acalma neles o desejo de se rebelarem e se vale de sacrifícios sem sangue. Isto significa que o poder político só deseja que, de fato, uma religião de tal gênero, tão hostil aos próprios propósitos e à própria finalidade, seja corroborada por milagres e prodígios. (*AT*, VIII, p. 405)³⁰

Nessa passagem dissimulada e permeada de ironias, Vanini vai ao âmago da questão: a invenção do milagre é um artifício político, típico de homens sedentos de poder e interessados somente em suas próprias promoções. O exagero contra as teses maquiavelianas é, na verdade, sua ênfase, pois tal recurso utilizado amplamente pelos príncipes tem a intenção de enfraquecer os homens espiritualmente, mortificando neles a vontade de se voltarem contra o que os oprime, sendo conveniente para um regime político manter sob controle os seus súditos, fazendo mesmo com que a própria religião entre em contradição com os seus próprios fins. Em outras palavras, a subserviência tanto espiritual como física é cada vez mais fortalecida pelo discurso do medo, reinante em um regime político que tem como

²⁹ Segundo Cavallé, “Nesta lista das fontes mais exploradas, não se pode esquecer Maquiavel, que desempenha um papel chave na exposição falsamente refutatória da concepção política das religiões.” (2008, p. 75). Sobre a influência de Maquiavel, ver o “Exercício” VI, onde Vanini chama o pensador florentino de “príncipe dos ateus” (p. 385), CAVALLÉ, 2008, p. 75 e seg., FOUCAULT, 2003, p. 614 e seg., DURAND, p. 162, e RAIMONDI, 2010, p. 1581, n. 157.

³⁰ Na continuação da passagem, Vanini ironiza: “Tanto menos, pois, os sacerdotes, sendo na terra os representantes de Cristo, pensam ganhar dinheiro com os milagres. De resto, no *Discurso sobre a primeira década de Tito Lívio*, no capítulo no qual afirma que em um governo monárquico ou republicano que queira fundar-se sobre a sabedoria e sobre a justiça, tudo deve retornar à primitiva sanção, você mesmo dá o exemplo dos beatos Francisco e Domenico, e os quais salvaram da morte certa a religião que estava quase arruinada (mas como é possível que aconteça, se ela era edificada por Cristo sobre uma sólida pedra?)” (VIII, p. 405.) Ver a respeito RAIMONDI, 2010, 1582, n. 158.

fundamento a religião e a idolatria. Vanini opera uma “redução naturalista” (CAVAILLÉ, 2008, p. 97) dos milagres, isto é, afirma que são explicáveis por causas naturais, não tendo ligação alguma entre eles e o que se passa entre os homens. Ironicamente, Vanini diz que nesse ponto Maquiavel se equivocou:

O infelizmente ateu [Maquiavel] se enganou porque ele pôde ler que, em momentos, nenhum milagre é fruto da fantasia, por isso, contra a regra da lógica, deduzindo o universal do particular, afirmou que todos os milagres são falsos. (AT, VI, p. 385).³¹

Em um diálogo n’*Os maravilhosos segredos da natureza, rainha e deusa dos mortais* – doravante *DA* - de 1616 e impressos em Paris, a obra, segundo René Pintard, mais ousada do século XVII³², aborda um tema próximo à temática capital dos *Pensées diverses* de Bayle, isto é, o significado e a interferência da aparição de um cometa no curso das ações mundanas, e aqui a possível aproximação teórica entre ambos³³. Vejamos o diálogo, que é um pouco extenso, mas fundamental para entender o argumento de Vanini:

Aless.: Muito agudo, mas porque depois da aparição de um cometa um príncipe morre?

G.C.: Talvez porque o cometa, sobretudo, se forme pela seca? De fato, essa não é mais do que o vapor atraído e iluminado de uma estrela quente, através da qual as regiões, sobre as quais passa, esquentam muito. Os príncipes, depois, morrem em período de seca enquanto estão sobrecarregados [sopraffatti] por alimentos picantes, por vinhos potentes, por preocupações e insônia. Ou, talvez, pode-se crer que o cometa, sendo fino [esile] é visível quando o ar está necessariamente muito limpo, tanto que o cometa de verão aparece mais frequentemente que o do inverno? Por outro lado, o ar limpo não pode conter os vapores que geram a chuva. Por isto veio à tona a seca e a esterilidade e muitos necessariamente morrem, sobretudo os príncipes que, sendo para os mais velhos e dedicados aos prazeres do amor, estão sujeitos à mais leve causa de doença. Ou melhor, entre os muitíssimos que morrem, eles são notados por sua dignidade e sua morte é objeto de atenção mais do que a de um filósofo visto à luz de uma lanterna. Ou, pode-se pensar que os humores, devido a leveza do ar, transformam-se em bile. De fato, o que é mais leve é ainda mais seco e por isso os homens são mais dispostos aos tumultos, à guerra que envolve a morte cruel do rei ou o ameaçam de doença provocada por preocupações e desprazeres pela insurreição dos súditos. Ou talvez, afirmaremos que a Inteligência superior, imaterial, motora dos céus, curou, sobretudo, os reis e, porque tomando cuidado com as insídias dos inimigos, advertiu-lhes com um fidedigníssimo cometa mensageiro? Ou, diremos com os sequazes de Luciano que formulando o problema, faz-se uma suposição

³¹ Mais adiante, ele diz “De fato, a Inteligência é no céu e não no ídolo.” (VI, p. 389.) Ver também RAIMONDI, p. 1774, n.96.

³² “Quê de mais audacioso, durante todo o curso do século XVII, que les *Dialogi* de Vanini?” (2000, p. 85). Foucault segue o mesmo raciocínio: “O mais escandaloso, o *De Admirandis*, comporta quatro livros. Mas o escândalo resulta, sobretudo, do último. Consagrado aos fenômenos religiosos, ele contém germes – valeria mais dizer os primeiros brotos – do ateísmo moderno.” (2003, p. 145).

³³ Vanini falara sobre os cometas anteriormente no Diálogo IX, p.871-877.

falsa? E, de fato, tínhamos visto muitos cometas sem que não tenha se seguido, em toda a Europa, nenhum extermínio de rei. E, ao contrário, muitos príncipes são mortos sem nenhum prenúncio da parte do cometa. Ou talvez, o cometa na sua aparição aterrorizam os príncipes pelo preconceito comum que eles são portadores da sua morte de modo que, tomados por tal preocupação, apressam a própria morte? (DA, IV, 51, p.1379; 1381).

Vanini, lançando inúmeras questões e hipóteses, fulmina o argumento sobrenatural de que os cometas são signos divinos da ira dos deuses, que almejam lançar tudo que o há de atroz sobre os homens. O filósofo italiano fornece explicações de caráter biológico como a vislumbra em seu aspecto político, visto que, na verdade, é a preocupação demasiada dos príncipes em serem vítimas de motins, a qual podendo coincidir com a aparição de um fenômeno natural, e, conseqüentemente sendo aumentada, pode fazer com que acelerem sua própria morte. Quando Vanini se pergunta se talvez o cometa pudesse ter sido enviado por um deus para advertir as autoridades políticas de supostos infortúnios futuros, lembremo-nos aqui da ironia do autor: a fragilidade da pergunta de seu interlocutor é um campo de passagem para os seus argumentos naturalísticos mais agudos e devastadores. Em outros termos, ele reduz à mera coincidência ou probabilidade a aparição de um cometa e, daí, ocorrer algo funesto, coincidência que não pode ser percebida devido ao preconceito da opinião que consiste em associar acontecimentos naturais com predições trágicas.³⁴ É dessa concepção naturalista, materialista e ateia que ele entrevê uma “refundação da moral e dos ideais sociais sobre a lei de natureza” (PASSARINI, 2012, p. 109)³⁵, demolindo “toda ideia de evento extraordinário” propondo “uma multiplicidade de hipóteses” (RAIMONDI, 2010, p. 1774, n. 96) tentando demonstrar que todas as religiões são formas históricas, destinadas a serem extintas como em um ciclo evolutivo. A dissociação entre religiosidade e moral, Vanini a afirma na passagem a seguir:

Muitas desgraças me aconteceram e, todavia, nunca a Inteligência me induziu a gostar [trarne] dos augúrios. Nem os filósofos podem declarar ódio à Inteligência, pois sempre vivi sem cometer crime algum e no respeito à lei de natureza. [...] Felicíssimos eram os augúrios de Nero, e o seu fim foi trágico. (DA, IV, 56, p. 1449).

Se a assimetria entre o surgimento de fenômenos naturais e o decorrer dos acontecimentos é infundada, Vanini não dá margem de réplica aos seus opositores: observando a própria natureza e a história, não dá pra constatar uma coerência e regularidade nos supostos milagres, pois o que leva os homens a agirem são suas disposições naturais, sua credulidade e seus preconceitos. Nesse sentido, sob a pena do filósofo italiano, como sob a de Bayle, vem à tona a impostura religiosa que, estabelecendo uma aliança com o poder político, ambas valem de seus instrumentos e artifícios visando ao domínio da população, enfraquecendo e minimizando, por meio de ameaças sobrenaturais, nos homens seu tanto seu

³⁴ É por essa via que, segundo Raimondi, “Vanini interpreta, com consciência mais moderna, as religiões como produtos históricos e como suportes ideológicos do poder político.” (2010, p. 1777, n. 109.) Ver também a respeito PASSARINI, Lorenzo. “Naturalismo e visione della società in Giulio Cesare Vanini”, in: *Montesquieu. it (Biblioteca elettronica su Montesquieu e dintorni)* Bologna: CLUEB, 2012, n.4, p. 103-117.

³⁵ Ver também (CAVAILLÉ, 2008, p. 137).

poder crítico como sua capacidade de agir. Nesse contexto, Vanini alude à virtude dos ateus, tese a qual Bayle levará às últimas consequências em seus *Pensées diverses* e obras posteriores - opondo-se aos apologistas que defendem que ateísmo e moral são coisas incompatíveis³⁶:

Cardano estimou que os ateus não ameaçavam de morte os partidários de uma opinião contrária. Agora, vemos se importa muito crer na imortalidade da alma para viver no bem e na felicidade. Pelo que vejo, esta crença não é útil a este respeito; bem mais, segundo Cícero e Diógenes Laércio, os epicuristas respeitavam mais escrupulosamente as leis, a palavra dada e os deveres entre os homens do que os estoicos e os platonianos. E a causa é que, ao meu ver, e como ensinava Galeno, que é o costume que torna o homem bom ou mau. Aliás, ninguém se fia aos que não fazem pouca profissão de santidade em sua vida; também são eles forçados a praticar mais a boa fé. (DA, III, 48, p. 1307).

Ora, se Bayle foi equivocadamente erigido a imagem de Vanini como um mártir do ateísmo, em relação à concepção de que não é a crença, porém, os costumes que são determinantes para alguém levar ou não uma vida reta, é notória a sintonia entre os dois autores. Observando a natureza e as relações entre os homens, Vanini afirma com todas as letras que não é a crença na imortalidade da alma que vai tornar um homem justo ou injusto, pois em nada disso está implícito que se deva crer em um deus ou ser sectário de uma religião para fazê-lo. Vanini também não hesita – como fez Bayle³⁷ – em valer-se de argumentos de autoridade para dar mais vigor à sua tese, citando Cardano, Diógenes Laércio e Cícero, por exemplo, e mostrar que não é consensual, como pensa um discurso ortodoxo interessado, que ateísmo e imoralidade constituem uma sinonímia inquestionável. Nesse sentido, a citação acima, permite fundamentar o exemplo que Bayle dá de Vanini como um ateu virtuoso, a partir do momento que o próprio texto do pensador italiano permite estabelecer tal nexos entre os dois filósofos.

No parágrafo §206 dos *Pensées diverses*, Bayle é enfático: não há ligação alguma entre os cometas e o que se segue no curso das ações humanas após o seu surgimento. A totalidade das hipóteses no que concerne a tentar fundamentar o nexos entre uma coisa e outra esbarra tanto na razão como na experiência. Nesse sentido, Bayle exige que se prove a regularidade, isto é, que se prove que toda vez que apareça um cometa surja daí uma consequência necessária:

Pois, para provar esta ligação, precisaria, por exemplo, que todas as vezes que a ação das causas segundas reuniu em um corpo as exalações secas e inflamáveis de vários planetas e que ela aí queimou, nossa terra foi oportunamente preparada para fornecer a matéria da peste, da esterilidade, dos fogos subterrâneos, dos furacões, etc., e que os homens se encontrassem dispostos para a revolta contra seus soberanos, a pôr fogo nas vilas, a conspirar contra a vida de seus mestres, a maquinarem a

³⁶ Segundo Foucault, “não é indiferente observar que o léxico imediatamente fixou esta confusão dando o mesmo significante – libertino – à palavra designando o incrédulo e o debochado. A tal ponto que o segundo sentido findou por levá-lo ao século XVIII. Parecido infortúnio aconteceu à epicurista.” (2003, p. 626).

³⁷ (Cf. CPD, §§LXXVI e LXXVII).

sublevação da religião estabelecida, a fazer seitas e cismas, a tomar Estados de seus vizinhos, a atrair por sua arrogância a justa indignação de um príncipe poderoso, a reter, contra toda espécie de direito, províncias mal adquiridas. Com efeito, visto que não supomos que os cometas são a causa dos infortúnios pavorosos que dizem que eles pressageiam, é preciso então que a causa desses infortúnios esteja na terra e nas disposições do coração do homem. (PD, 2007, p.419-420; OD III[PD], p. 129ab.)³⁸

Bayle afirma que seria preciso que *todas* as vezes que um cometa aparecesse e se inflamasse, ele fizesse com que os homens fizesse todo tipo de atrocidades, ou, melhor dizendo, que haja uma coincidência entre o surgimento de tal fenômeno natural e a disposição humana para cometer toda espécie de crimes. Contudo, Bayle, como Vanini, atribui tal coincidência à probabilidade, ao casual, ao irregular. E enfatiza: se há uma causa dos infortúnios, ela está unicamente dentre os homens e, mais especificamente, nos móbeis que os levam a agir. No mesmo parágrafo, o filósofo de Carla afirma:

No que concerne aos homens, eles são algumas vezes incitados à revolta pela ambição de um particular; uma outra vez sê-lo-á pelo mau tratamento que terá sido feito a um bruto aceito pela canalha. As guerras dentre os príncipes nascem de muitas razões de Estado ou de certas paixões que mudam pela menor coisa. É um detalhe infinito como o de todas as coisas que faz nascerem as guerras civis e as guerras estrangeiras, os cismas e as conspirações; mas se pode dizer que nada de tudo isto se proporcione ao que se passa na região de Saturno ou Júpiter. É então manifesto que, segundo as leis de natureza, não há ligação alguma entre o que se passa aqui embaixo após ter aparecido cometas e a aparição desses cometas. (PD, 2007, p.420-421; OD III[PD], p. 129b.)³⁹

Bayle quer dizer que há uma lei natural que rege todas as coisas, e sendo uma lei natural não pode permitir que algo *extra-natural* a faça sair de sua regularidade.⁴⁰ Nesse sentido, pode-se estabelecer um *tableau* de possibilidades o qual

³⁸ “Car, pour trouver cette liaison, il faudrait par exemple que, toutes les fois que l’action des causes secondes a ramassé en un corps les exhalaisons sèches et inflammables de plusieurs planètes et qu’elle y a mis le feu, notre terre fût à point nommé préparée à fournir la matière de la peste, de la stérilité, des feux souterrains, des ouragans, etc., et que les hommes se toruassent disposés à la revolte contre leurs souverains, à mettre le feu dans les villes, à conspirer contre la vie de leurs maîtres, à machiner le bouleversement de la religion établie, à faire des sectes et des schismes, à s’emparer des États de leurs voisins, à s’attirer par leur arrogance la juste indignation d’un Prince puissant, à retenir contre toute sorte de droit des provinces mal acquises. En effet, nous supposons que les comètes ne sont pas la cause des malheurs épouvantables que l’on dit qu’elles présagent, il faut bien que la cause de ces malheurs soit dans la terre et dans les dispositions du coeur de l’homme.”

³⁹ “Pour ce qui est des hommes, ils sont quelquefois incités à la revolte par l’ambition d’un particulier; une autre fois ce sera par le mauvais traitement qui aura été fait à un brutal accrédité par la canaille. Les guerres d’entre les princês naissent de plusieurs raisons d’État ou de certaines passions qui changent pour la moindre chose. C’est un détail infini que celui de toutes les choses qui font naître les guerres civiles et les guerres étrangères, les schismes et les conspirations; mais on peut dire que rien de tout cela ne se proportionne à ce qui se passe dans la région de Saturne ou de Jupiter. Il est donc manifeste que, selon les lois de nature, il n’y a nulle liaison entre ce qui se passe ici-bas après qu’il a paru des comètes et l’apparition de ces comètes.”

⁴⁰ O argumento de Bayle vale para demolir de vez a clássica metáfora da “monstruosidade” atribuída ao ateísmo, ou seja, monstruosidade significando algo fora do normal, do corriqueiro, do que vai de encontro ao natural.

deslegitimaria qualquer explicação sobrenatural: 1) poderiam surgir cometas e acontecer todo tipo de infortúnios; 2) poderiam aparecer cometas e simplesmente nada acontecer; 3) poderia não surgir cometa algum e acontecer trágicos infortúnios; 4) poderia não aparecer cometa algum e, simplesmente, nada de ruim acontecer.⁴¹ Logo, se é a disposição dos homens, sendo elas de foro interno – raiva, ódio, tristeza, malícia, obstinação – e de foro externo – costumes adquiridos e educação – que dinamiza as suas relações em um determinado contexto histórico e social, Bayle demole de vez o argumento sobrenatural: a crença religiosa nos supostos maus augúrios trazidos pelos cometas não interfere em absolutamente nada no que concerne aos acontecimentos mundanos.

Na *Continuation*, Bayle afirma que é preciso um *examen* a respeito da contribuição de uma religião para os bons costumes e para a conservação de uma sociedade, pois “a falta que é tão comum entre os homens de julgar coisas grosso modo e sobre ideias vagas aparece principalmente na matéria que tratamos.” (OD III, p. 358b.)⁴² A discussão é a seguinte: não é possível estipular *a priori* se os costumes são mais desregrados em uma sociedade que tenha e siga à risca uma religião, do que naquela que não possui nenhuma. Os que querem fazer um julgamento mais imparcial devem antes se informar se uma religião em um determinado povo tem por objeto uma divindade ou várias que tenham ordenado a prática das virtudes morais, punindo os celerados e recompensando os que levam uma vida correta. (*Id. Ibid.*) Pois, se um povo entende que os deuses recompensam somente aqueles que cultuam uma religião exteriormente e que castigam os que não praticam o culto, e, além disso, se entende que deve esperar que seja agraciado pela fortuna, tal religião não tem nada a contribuir, mesmo que seja para inspirar todos os deveres de cidadão. Daí Bayle infere:

Então ela não é de nenhuma valia em relação aos bons costumes, e a este gênero de vida que fotalece a felicidade das Sociedades. Se se vê que a bisbilhotice, a inveja, a má fé, a avareza, a impudicícia, a revolta e tais outros vícios têm pouco valor em um tal povo, a Religião não será causa e, por conseguinte, se este povo fosse ateu, não seria menos disciplinado. (*Id. Ibid.*, p. 358b-359a.)⁴³

Se Vanini afirma timidamente que religião e bons costumes nem sempre têm uma correlação necessária, Bayle o afirma claramente: uma religião que prega a recompensa para boas ações e sanção para as más, mesmo querendo inspirar todos os valores civis nos cidadãos, não terá serventia alguma. Viver de acordo com a reta razão e obedecer às regras e leis estabelecidas e cumpridas por todos não é – e nunca foi – privilégio somente de religiosos. Se tal nação fosse ateia, não faria dife-

⁴¹ Ver especificamente os parágrafos dos PD §24, §§28-30, §§35-44, §§81-82, §93-96, §98-99 e §101.

⁴² “Le défaut qui est si commun parmi les hommes de juger des choses en gros & sur des idées vagues paroît principalement dans la matière que nous traitons.”

⁴³ “Elle n’est donc d’aucun usage par raport aux bonnes moeurs, & à ce genre de vie qui afermit le bonhuer des Sociétez. S’il se trouve que la médisance, l’envie, la mauvaïse foi, l’varice, l’impudicité, la mutinerie, & tels autres vices ont peu de cours dans un tel peuple, la Religion n’en fera point cause, & par consequent si ce peuple étoit athée, il ne seroit moins discipline.”

rença alguma no comportamento dos habitantes, já que justamente o diferencial não está na crença, mas no cumprimento do dever e ser um bom cidadão.

Por fim, Vanini e Bayle equiparam-se quanto ao uso de personagens para disseminarem suas teses. Se o filósofo italiano criou o ateu de Amsterdã – isto é, ele mesmo⁴⁴ - Bayle na *Réponse aux questions d’un provincial* falará em terceira pessoa, explanando as refutações de “Mr. Bayle” contra Jacques Bernard sobre a questão do ateísmo virtuoso nos *Pensées diverses*, isto é, se os princípios dos ateus não levam à ruína das Sociedades:

Quanto à segunda coisa, Sr. Bayle a provou suficientemente, visto que ele mostra que certos povos mantiveram-se durante muitos séculos sem nenhuma Religião. Eu não digo nada da quantidade de outras observações espalhadas em seu livro, e muito apropriadas para servirem de prova de uma outra maneira. Eu quero que os princípios de um Ateu só o levem para o interesse de suas paixões: seguir-se-á que eles o levem à ruína da Sociedade? Não toma ele nenhum interesse quanto ao seu repouso, à conservação de seus bens e seus filhos? Não tem ele, então, nenhuma parte na segurança pública? Se ele mata hoje um homem que tem três grandes rapazes, não temerá que eles o buscarão por toda parte a fim de vingar a morte de seu pai? O amor próprio não o engaja muito fortemente a refrear uma paixão que não poderia satisfazer sem o expor a grandes males? As tropas de ladrões que correm o mundo sob o nome de Boêmios, e que não professam religião alguma, como elas mantêm-se? Pelo interesse que cada um tem de concordar com os outros na observação de certas regras. (OD III[RQP], p.944b-945a.)⁴⁵

O que vê que Bayle provou com vigor as suas teses não é mais que ele próprio. O recurso literário utilizado pelo filósofo de Carla é o que permite expor as suas teses, ironizar o adversário, e valer-se dos próprios argumentos de seus opositores para enredá-los em aporias, simulando e dissimulando incessantemente. Entretanto, se Bayle utiliza tal artifício argumentativo como Vanini, no que concerne a valer-se de personagens para estabelecer uma crítica contundente das proposições adversárias, a diferença é Bayle não opera por antífrase como Vanini: se este para defender o ateísmo faz o inverso, isto é, exagera em sua crítica aos ateus para poder elevá-los, o filósofo de Carla somente esquiva-se, olha de longe o debate, mas suas teses estão lá, incômodas e corrosivas.⁴⁶ Contudo, a despeito dos

⁴⁴ Ver *De Admirandis*, IV, 56, p. 1441 e seg.

⁴⁵ “Quant à seconde chose Mr. Bayle l’a prouvée suffisamment, puisqu’il a fait voir que certains peuples se sont conservés pendant plusieurs siècles sans aucune Religion. Je ne dis rien de quantité d’autres remarques répandues dans son livre, & très propres à servir de preuve d’une autre manière. Je veux que les principes d’un Athée ne le poussent que vers l’intérêt de ses passions: s’ensuivra-t’il qu’ils le poussent à la ruine de la Société? Ne prend-il donc nul intérêt à son repôs, à la conservation de ses biens & de ses enfans? N’a-t’il donc aucune part à la sureté publique? S’il tué aujourd’hui un homme qui a trois grands garçons, n’a-t’il pas à craindre qu’ils le chercheront partout afin de venger la mort de leur père? L’amour propre ne l’engage-t’il pas assez fortement à réfréner une passion qu’il ne pourroit satisfaire sans s’exposer à de plus grands maux? Les troupes de voleurs qui courent le monde sous le nom de Bohémiens, & qui ne professent aucune Religion, comment se maintiennent-elles? Par l’intérêt que chacun a de s’accorder avec les autres dans l’observation de certaines regles.”

⁴⁶ Para Cavaillé, “Não é tão fácil para um ateu ser tomado a sério, e a insistência, o exagero não esclarecem o sentido da mensagem.” (2008, p. 56).

métodos literários que um e outro utilizaram para expor seus pensamentos, o que interessa aqui é a proximidade teórica em ambos: tanto Vanini como Bayle retiraram do ateísmo os estigmas mais estapafúrdios, como equivalente à monstruosidade, imoralidade e depravação. Com suas explicações naturalistas, erigiram uma sólida crítica à impostura religiosa que, atrelada à política, calava todo discurso que visasse a desmitificar seus fundamentos, em nome do sobrenatural. Assim, no final das contas, é de pouca relevância se Bayle não leu Vanini, pois o que interessa e que

a novidade de sua proposta contribuiu – e isso por muitas décadas – para despertar o interesse dos meios cultivados a respeito desse filósofo atípico e maldito que pagou com a sua vida suas audácias blasfematórias e seu ateísmo.” (FOUCAULT, 1999, p. 240.)⁴⁷

Nesse sentido, se Bayle retira o pensador italiano do ostracismo e do desinteresse – mas nos devendo um longo artigo sobre ele em seu *Dictionnaire* como ele afirmara que tinha o intento de fazê-lo nos *Entretiens de Maxime et de Thémiste* - elevando-o ao seu rol dos ateus virtuosos, é em nome de algo maior, a saber, reivindicar uma dignidade filosófica ao ateísmo.

Referências bibliográficas

BAYLE, Pierre. *Œuvres diverses*. La Haye: Compagnie des Librairies, 1737, 4 tomes [Paris: Hachette BnF, 2012.]

_____. *Pensées diverses sur la comète*. Paris: Flammarion, 2007. [Éd. Hubert e Joyce Bost.]

BIANCHI, Lorenzo. “Un dibattito sull’ateismo agli inizi del XVIII secolo: la polemica de D. Durand- P.Bayle sul caso Vanini”, In: *Tradizione libertina e critica storica da Naudé a Bayle*. Milan: Franco Angeli, 1988.

BOITEAU, Pierre. “Au temps de l’Inquisition: J.-C. Vanini et la notion d’évolution au début du XVII^e siècle.” In: *La Pensée*. Paris: Fondation Gabriel Péri, 1996, n°27.

CARPARELLI, Mario. “Dalla definizione alla demolizione del concetto di Dio”, In: VANINI, Giulio Cesare. *Tutte le Opere*. Traduzione de Francesco Paolo Raimondi e Luigi Crudo. Milano: Bompiani, 2010. (“Il Pensiero Occidentale”).

CAVAILLÉ, Jean-Pierre. “Jules-César Vanini: la langue arrachée” In: _____. *Dis/simulations: Jules-César Vanini, François La Mothe Le Vayer, Gabriel Naudé, Louis Machon et Torquato Accetto. Religion, morale et politique au XVII^e siècle*. Paris: Honoré Champion, 2008.

CAVAILLÉ, Jean-Pierre. “Une pensée de la transgression: politique, religion et

⁴⁷ Segundo Winfried Schröder, é “inútil dizer que os únicos verdadeiros documentos de ateísmo que foram produzidos na segunda metade do século XVII – os tratados radicais clandestinos como o Theophrastus redivivus – eram desconhecidos e não somente por Bayle.” “L’athéisme comme défi pour les pionniers de la liberté de penser: deux athées spéculatifs dans le *Dictionnaire historique et critique*”, in: FRÉCHET, Philippe. *Pierre Bayle et la liberté de conscience*. Toulouse: Anarchasis, 2012, p. 189.

- morale chez Jules- César Vanini”, In: *Revue de philosophie (Vanini)*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 1998.
- COUSIN, Victor. Vanini, ses écrits, as vie et sa mort”, In: *Revue des deux mondes*. Paris: s.l. p. 1843.
- DURAND, David. *La vie et les sentimens de Lucilio Vanini*, Rotterdam, 1717.
- FOUCAULT, Didier. “Pierre Bayle e Vanini”, In: Pierre Bayle, citoyen du monde: De l’enfant du Carla à l’auteur du Dictionnaire. *Actes du Colloque du Carla-Bayle* (13-15 septembre 1996) reunis par Hubert Bost et Phillippe de Robert. Paris: Honoré Champion, 1999, p. 227-241.
- _____. *Un philosophe dans l’Europe baroque: Giulio Cesare Vanini (1585-1619)*. Paris: Honoré Champion, 2003.
- GARASSE, François. *Histoires memorables et tragiqves de ce temps, ou sont contenes les morts funestes et lamentables de pluvsievr personnes, arrivés par leurs ambitions, moeurs desreglées, sortileges, vols, rapines, et par avtres accidens divers*. Paris: Pierre Chévalier, 1612.
- GRAFTON, Anthony. *As origens trágicas da erudição: pequeno tratado sobre a nota de rodapé*. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papyrus, 1998.
- HAZARD, Paul. *La crise de la conscience européenne*. Paris: Fayard, 1961.
- MORI, Ginaluca. *Bayle philosophe*. Paris: Honoré Champion, 1999.
- PAPULI, G. “La fortuna del Vanini”, In: *Le interpretazioni de G.C. Vanini*. Galatina (Lecce): Congedo, 1975.
- PASSARINI, Lorenzo. “Naturalismo e visione della società in Giulio Cesare Vanini”, In: *Montesquieu. it (Biblioteca elettronica su Montesquieu e dintorni)* Bologna: CLUEB, 2012, n. 4, p. 103-117.
- PINTARD, René. *Le libertinage érudit dans la première moitié du XVII^e siècle*. Genève: Éditions Slaktine, 2000.
- ROUSSELOT, Xavier. *Oeuvres philosophiques de Vanini*. Paris: Charles Gosselin, 1842.
- SALEM Jean, “Sens et fortune d’une page de Vanini”, In: MESLIER, Jean. *Oeuvres complètes* (II). Paris: Éditions Anthropos, 1970, p. 577-581, nota XVIII.
- SCHRÖDER, Winfried. “L’athéisme comme défi pour les pionniers de la liberté de penser: deux athées spéculatifs dans le *Dictionnaire historique et critique*”, in: FRÉCHET, Philippe. *Pierre Bayle et la liberté de conscience*. Toulouse: Anarchasis, 2012.
- SERAFINI, Cesare. *Giulio Cesare Vanini*. Roma: Editoriale Galileu Galilei, 1914.
- VANINI, Giulio Cesare. *Tutte le Opere*. Traduzione de Francesco Paolo Raimondi e Luigi Crudo. Milano: Bompiani, 2010. (“Il Pensiero Occidentale”).
- VOLTAIRE, François-Marie Arouet. *Dictionnaire philosophique*. Paris: Garnier Flammarion, 1964.

Data de recebimento: 23/10/2016

Data de aprovação: 07/02/2017